ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

# BIOGRAFIAS SILENCIADAS: UM PERCURSO SEMIÓTICO DO HERÓI EM LIMA BARRETO E THEODORO SAMPAIO

## *Silenced biographies: a semiotic trajectory of the hero in Lima Barreto and Theodoro Sampaio*

*Cassia Vanessa Batalha*[i]
*Universidade Estadual de Londrina*
*Daniela Raffo Scherer*[ii]
*Universidade Estadual de Londrina*
*Renan Luis Salermo*[iii]
*Universidade Estadual de Londrina*

**Resumo:** Na tentativa de trazer à tona uma discussão acerca da contribuição dos negros na construção da identidade nacional brasileira, este trabalho analisa o percurso semiótico de duas personalidades: Lima Barreto e Theodoro Sampaio. O primeiro destacou-se na área da literatura e o segundo, na geografia. A trajetória do homem negro no Brasil foi marcada pela luta de forças, traduzida no desequilíbrio entre os sujeitos, marcada pelo discurso da intolerância e pela reprodução de preconceitos – presentes na educação escolar e cujo combate tem sido realizado por meio de políticas educacionais e legislação própria. A semiótica greimasiana serve de arcabouço teórico por meio do qual discutimos o percurso narrativo do herói negro, com vistas a desvelar sua luta e tornar visível sua identidade histórica e cultural em meio a uma história construída pelo pensamento europeizado.

**Palavras-Chave:** Educação. Herói. Intolerância. Semiótica Greimasiana.

**Abstract**: In an attempt to bring up a discussion about the contribution of blacks in the construction of Brazilian national identity, this paper analyzes the semiotic path of two personalities: Lima Barreto and Theodoro Sampaio. The first stood out in the area of literature and the second in geography. The trajectory of the black man in Brazil was marked by the struggle of forces, translated in the imbalance between the subjects, marked by the discourse of intolerance and the reproduction of prejudices - present in the school education and whose combat has been carried out through educational policies and own legislation. The greimasian semiotics serves as theoretical framework through which discussed the narrative path of the black hero, in order to unveil their struggle and make visible its historical and cultural identity in the midst of a story built by Europeanized thought.

**Key words:** Education. Hero. Intolerance. Semiotics of Greimas.

## Introdução

As narrativas que trazem como tema a constituição de identidades e cultura de um povo normalmente são construídas a partir dos valores de sujeitos pertencentes a distintos grupos. É comum que um desses grupos se apresente em posição dominadora, como é o caso dos sujeitos colonizadores. No caso da

história do Brasil, temos o europeu como figurativização do dominador, cujos valores são tidos, por muito tempo, como aqueles a serem cultivados e imitados.

Ocorre que muitas narrativas colocaram em evidência personalidades ligadas ao europeu e silenciaram as representantes dos grupos por ele dominados: indígenas e negros. Hoje, no entanto, convivemos com a necessidade de reconhecer o direito de pertencimento desses grupos, haja vista que trouxeram valores e, inegavelmente, contribuíram de maneira substanciosa na constituição da história e da cultura nacionais. Sendo assim, a educação formal passou a ocupar papel importante nesse contexto de enfrentamento de posturas excludentes e, ao mesmo tempo, vem atuando na popularização de personalidades oriundas de povos africanos e indígenas. Com políticas educacionais voltadas à incorporação de medidas contra racismo e intolerância, a escola de hoje conta com um currículo mais amplo e que permite reflexões a respeito da inclusão da cultura negra. E essa inclusão vem, em boa parte, por força de lei.

A relação dos sujeitos com as leis em sua maioria foi fruto de um jogo de tensões. Se de um lado existe o sujeito que busca conjunção com determinados valores, de outro está aquele que os detém com exclusividade, negando, portanto, ao primeiro aquilo que lhe é caro. O contexto da educação brasileira foi – e está sendo – construído na base das conquistas – lentas, difíceis – e, não raro, polêmicas, a exemplo do que ocorre com as cotas para negros nas universidades públicas.



Estudos sobre o acesso à educação nos sistemas de ensino no país revelam o reconhecimento de que "as desigualdades entre brancos e negros ainda permanecem em todos os setores da sociedade e na educação, apesar das políticas públicas de promoção da igualdade racial e ações afirmativas, em curso há mais de uma década" (MARQUES, 2014, p. 123). Em função disso, as políticas públicas voltadas à educação receberam o implemento da Lei 10.639/03 com o intento de valorizar as culturas afrodescendentes, haja vista a inegável contribuição dessas culturas para a história do Brasil (PEREIRA, 2011, p.148).

Embora o acesso de negros à educação tenha aumentado significativamente na década de 1990 (MARQUES, 2014), a população negra ainda ocupa altos índices nos números relacionados a estudos sobre fracasso escolar, ou se salienta num histórico de percursos tortuosos de trajetória educacional. As frequentes discussões acerca do desenvolvimento e da implementação de políticas voltadas à inclusão social do negro perpassam a educação e reconhecem a necessidade de criar estratégias que combatam a discriminação e a sua consequência imediata, que é a exclusão.

Nesse sentido, a Lei 10.639/03 inclui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar, logo depois ela é

alterada pela Lei 11.645/08 que integra a história e a cultura indígena, leis que pretendem promover o rompimento de um currículo que vinha, até então, priorizando uma abordagem europeizada e estereotipada de conteúdos. Vale ressaltar, quando se retoma o ensino de história, a ocorrência pontual de apagamentos ou silenciamentos dos aspectos relacionados ao protagonismo negro nas narrativas trabalhadas pela escola e pelo material didático. Isso levaria, de certo modo, o docente a dirigir a prática pedagógica para a reprodução desse olhar preconceituoso e excludente.

Para remodelar a prática docente com vistas a contemplar os objetivos dessa lei é preciso considerar que não existe neutralidade no discurso pedagógico, como explica Pereira:

> Se, por um lado, a promulgação desta legislação se realizou em contexto de democratização social e de luta assertiva pela conquista de direitos de cidadania no país, ela se vinculou a contextos escolares diversos – por suposto, não há como predizer que a recepção e a prática desta legislação ocorrerão de forma homogênea ou mesmo de maneira como prescrita ou prevista. (PEREIRA, 2011, p. 149).



Na verdade, o contexto de aplicação da Lei 10.630/03 tem como esteio uma mudança gradual dos discursos construídos ao longo da história da educação brasileira. Sair do ponto de vista presente na história contada por sujeitos que representam a dominação, para chegar ao lugar de onde outras vozes têm algo importante a dizer, requer estratégias variadas.

Nesse sentido, a experiência com as artes tem sido um caminho alternativo. Sem ser autoritária, a arte é um elemento provocador, instigador e convidativo. Ela não traz um discurso pronto, nem vem acompanhada de um manual de instruções, mas se apresenta como uma espécie de convite à reflexão. Como se trata de uma experiência sensorial, a arte pode ser tomada como uma estratégia interessante de inserir, por meio da adoção de uma metodologia direcionada, as expectativas propostas na Lei 10.639/03. Por se constituir num ambiente de acolhimento, conservação e promoção das artes, os museus possibilitam o intercâmbio entre os sujeitos do conhecimento e os objetos estéticos. Teixeira (2014, p. 17) considera que "na visita ao museu, os signos e figuras estão por toda parte, configurando as diferentes linguagens da experiência polissensorial a ser vivenciada".

Caracterizado pela criação de uma proposta diferenciada, o Museu Afro-Brasil constitui-se como uma instituição cujo intuito é tornar visível a contribuição do negro na construção da identidade nacional. Para tanto, disponibiliza uma programação dirigida aos visitantes (no espaço físico e no virtual), de modo a despertar, por meio de projetos educativos, o

desenvolvimento de um olhar voltado às produções artísticas. Trata-se, portanto, da busca pelo rompimento do "discurso branco", responsável pelo apagamento das narrativas do negro, desde seu deslocamento da África para o Brasil. Nesse cenário social, por meio das biografias silenciadas dos negros, objetivamos investigar a participação dos negros na formação da identidade nacional pelo percurso do herói artístico e científico.

## Sobre as ausências e presenças dos negros no discurso histórico nacional: as contribuições da semiótica greimasiana

Nos limites de discutir a maneira como a identidade negra é caracterizada em nosso discurso histórico nacional, colocamo-nos a compreender, em primeira análise, que a identidade, qualquer que seja, pressupõe o questionamento de um *Nós* inquieto. Trata-se da construção de um *Nós* a serviço da continuidade, da "persistência em seu ser, ao longo de sua existência narrativa, apesar das modificações que provoca ou sofre" (GREIMAS e COURTÉS, 2013, p. 252). Além disso, temos em interdependência sempre a marca da alteridade que, considerada aqui no nível da coletividade, da consciência discursiva partilhada, é definida na figura do estrangeiro, em sua dessemelhança.



Para o tema exposto, levamos em conta a construção das identidades sociais como consequências de uma relação de forças das representações daqueles que detêm poderes de legitimação (para o caso, a perspectiva do europeu branco) e dos que assumem ou resistem (não só negros como os indígenas, por exemplo) às encenações dos sujeitos de referência. Trata-se das referências que mobilizam determinados conteúdos semânticos nas diferenças das pessoas ou dos grupos minoritários. Não há fronteiras naturais entre o *Nós* e o *Outro*, mas apenas universos de sentido e valor atribuídos.

Nas palavras de Landowski (2002) o *Si* e seu *Outro* deveriam ser duas unidades que se defrontam numa relação plena de simetria e igualdade. Todavia, adverte o estudioso que no plano das práticas sociais, onde se encaram os sujeitos em situação, há diferentes critérios de referência em jogo. Tais critérios passam a se manifestar em marcas sociais, algumas consideradas mais positivas sobrepõem-se e produzem em alguns atores do discurso, em interação, um tipo mais acabado, "ao passo que os outros não passariam de imagens falhas, ou mesmo negativas" (LANDOWSKI, 2002, p. 33). Interessado na sistematização dos processos sociossemióticos, o teórico argumenta, ainda, que é através da exclusão ou da assimilação que percebemos o não reconhecimento da alteridade. Mesmo na assimilação, o *Sr. Todo Mundo* hipostasiado, sob a aparência do homem

sem ódio e sem preconceito, garante o *status quo:* padronização e ingestão do *Mesmo* e triagem e eliminação do *Outro*.

Por isso torna-se essencial o direito à memória das minorias. As retomadas dos discursos em outras fôrmas e formas garantem a ruptura com as exclusões e assimilações das culturas e vivências dos sujeitos negros, para o nosso caso. Os grupos de referência sabem que o controle da materialidade em que a memória se expressa (as relíquias, os símbolos, as obras de arte e conquistas intelectuais) torna poderosos aqueles que a geram. Por uma tradição elitista, não se criam muitas iniciativas nos museus para o alhures. E as omissões para a alteração desses quadros que mantêm a conjuntura da identidade normativa, de alguma forma, ajudam a compor as facetas da intolerância, que sob os moldes semióticos são:

> [...] sobretudo, um discurso de sanção aos sujeitos considerados maus cumpridores de certos contratos sociais (por exemplo, de branqueamento da sociedade, de pureza linguística e que, portanto, devem ser reconhecidos como pretos ignorantes, usuários de língua incorreta, índios bárbaros, judeus exploradores, árabes fanáticos, e punidos (com a perda de direitos, de emprego, com a morte) (BARROS, 2008, p. 150).



Concebida a narrativa dessa forma, a intolerância dos discursos encontra sua justificativa. É resultado de uma avaliação negativa do percurso do destinatário. É como se a identidade negra, ao não cumprir o contrato narrativo, concedesse motivos para sua exclusão. Considerando o pequeno espaço que a historicidade negra ocupa nas aulas de história, geografia e literatura, observamos o negro sancionado negativamente pelo discurso histórico brasileiro. Para além do domínio narrativo, Barros (2008) também comenta acerca do eixo patêmico do discurso intolerante. Menciona que em geral o sujeito do ódio ao estrangeiro, ao diferente, aos maus usuários da língua é ao mesmo tempo o sujeito do amor à pátria. E isso configura uma tensão entre o querer fazer mal e o querer fazer bem. As paixões malevolentes (como a antipatia, a irritação, a raiva, o ódio) ativam os sujeitos a desejarem o mal àquele que não cumpriu os acordos sociais e sinalizam os caminhos para que as coisas sejam postas nos devidos lugares. Já as paixões benevolentes são inversas e patrióticas.

É a partir desses procedimentos e estratégias encontradas nos discursos que cercam as questões sobre a identidade e a intolerância, sinalizadas por meio dos instrumentos de análise advindos da semiótica de linha francesa, que discutiremos a seguir as possibilidades de combate a esses discursos, com vistas a reforçar e a valorizar os valores identitários do negro no Brasil.

## Museu Afro-Brasil: o espaço de resistência em destaque

O museu Afro-Brasil está localizado no município de São Paulo e abriga, em 11 mil m², um acervo com mais de 6 mil obras, entre pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, documentos e peças etnológicas de autores negros. Materializa cenas históricas nas modalidades verbais, visuais, sonoras *etc*. A título de exemplo, observemos a representação do culto religioso reproduzido na pintura de Wilson Tibério (1923-2005):

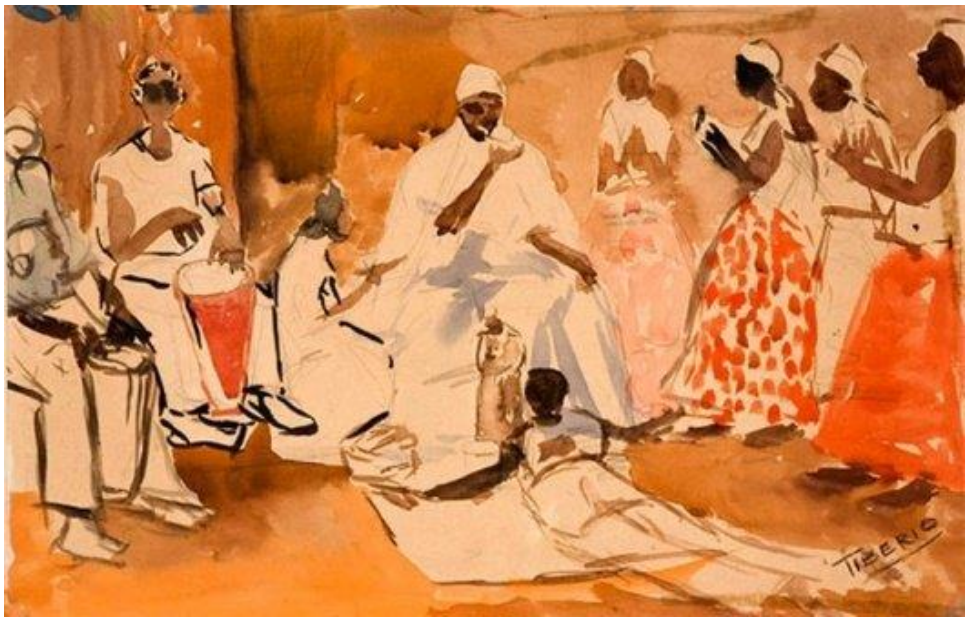



**Figura 1: Cena do Candomblé – Wilson Tibério (1923-2005)[1]**



Incorporado ao espaço físico do museu, há ainda a biblioteca Carolina Maria de Jesus, homenagem à notória escritora brasileira, e o teatro Ruth Cardoso, homenagem à atriz tida como sacerdotisa do teatro brasileiro. A nomeação dos espaços físicos que integram o museu é aditiva à singularização e diferenciação do discurso da entidade Museu Afro-Brasil posto num espaço-tempo enunciativo que exalta figuras pouco expressivas no discurso histórico-narrativo canônico nacional.

O percurso de visitação contempla o histórico-social da situação do negro desde sua chegada ao território brasileiro até suas manifestações no Brasil contemporâneo. O principal objetivo é contar a história silenciada pelas narrativas vigentes, pautada por um imaginário coletivo da invisibilidade aos

[1] Figura 1 disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/album/negros_pintores_album.htm#fotoNav=15> Acesso em: 1 de jun. de 2017.

negros. Isso porque seus feitos e as suas participações sempre foram conduzidos para os espaços de não protagonismos, conforme observamos na própria apresentação disponível no *site* do museu:

> Inaugurado em 2004, a partir da coleção particular do Diretor Curador Emanoel Araujo, o Museu Afro Brasil construiu, ao longo de 10 anos, uma trajetória de contribuições decisivas para a valorização do universo cultural brasileiro ao revelar a inventividade e ousadia de artistas brasileiros e internacionais, desde o século XVIII até a contemporaneidade. (MUSEU AFRO-BRASIL, 2016).

Segundo a descrição, o intuito do museu é a valorização cultural e histórica desses sujeitos que contribuíram para a formação do país e que durante muito tempo foram excluídos dos livros, dos acervos e galerias de arte, ou de situações de prestígio estético e artístico. Tais espaços, em suas modalidades reais ou virtuais, têm o propósito de resgatar as heranças africanas, ressaltando suas permanências e resistências, sensibilizando os visitantes a uma percepção crítica da sociedade a que pertencem. Em vias de (re)apropriação, as exposições marcam, assim, identidades na pluralidade e na ruptura, demarcando brasilidades negras em suas subjetividades e pertencimentos.



Sobre a divisão física do museu notamos que os criadores contemplaram os eixos história, memória e arte, dividindo-os em seções, cabendo a uma delas homenagear os negros que realizaram atividades notórias em seus percursos de vida. O título da sessão escolhido para este estudo é *Destaques*. A sessão apresenta biografias das quais partiremos para analisar o modo de construção de imagens e sua consequente valorização. Para tanto, elegemos dois personagens em campos distintos de atuação, contemplados tanto no ambiente virtual quanto no ambiente real do museu: Lima Barreto, figura ilustre no campo das artes e da literatura; e Theodoro Sampaio, personalidade respeitável no campo científico da Geografia.

**Fotografia - espaço físico da sessão *Destaques*:**



**Fotografia[2] 1**



**Fotografia 2**

**Fotografia- espaço digital da sessão *Destaques***




**Fotografia 3[3]**

## Lima Barreto e Theodoro Sampaio: os heróis negros

As biografias têm a qualidade de evidenciar, nas trajetórias individuais, fatos notórios do biografado cuja vida e obra apresentam relevância. Estruturada em uma narrativa sequencial cronológica concentrada, as biografias podem inspirar atos e condutas vivenciáveis no presente, rendendo a ideia de representatividade. A representação é o agir em nome dos representados, assegurando o exercício dos direitos sociais e individuais. Diante do cenário, perguntamo-nos: quantos e quais foram - ou são - os heróis negros? A questão é

[2] Fotografias 1 e 2 disponíveis em: "Série *Conhecendo Museus – Museu Afro-Brasil*: <https://www.youtube.com/watch?v=C_utYJ41hMM">. Acesso em: 1 de jun. de 2017.

[3] Fotografia 3 disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria>. Acesso em: 1 de jun. de 2017.

redundante em razão da pequena expressão da representatividade dos grupos marcados por etnias ou raças negras, atrelada quase sempre aos estereótipos e caricaturas de suas humanidades exóticas atribuídas às marcas da sua escravidão. Aliás, como constatamos anteriormente, é recente e inaugural a criação do Museu Afro-Brasil. Pensando em como se deu o resgate desses sujeitos (em novas condições de afirmação), passaremos às análises das microbiografias de Lima Barreto e Theodoro Sampaio, postas integralmente no final deste artigo para melhor compreensão dos recortes analíticos e orientações das investigações.

"Lima Barreto foi um dos maiores escritores brasileiros, considerado o principal antecedente do modernismo". "[...] Para muitos críticos literários, foi Lima Barreto quem sedimentou terreno para a emergência dos escritores modernistas e suas propostas de transformação" (MUSEU AFRO-BRASIL, 2016). Em sua microbiografia, são destacados os méritos vanguardistas do autor. A modalização do sujeito com o substantivo "antecedente" e o uso do verbo "sedimentou", nos territórios discursivos das artes, dão a ideia de um poder-fazer/saber-fazer visionário, à frente, portanto, de seus contemporâneos. A crítica literária revela um "olhar" de sanção, haja vista que as análises eram elaboradas sob ponto de vista de uma cultura europeizada, presa, portanto, a critérios "academicistas".



São recorrentes as expressões que apresentam seus oponentes sociais. A principal – sua negritude – orquestra uma série de consequências como a pobreza somada à marginalidade da bebida e dos internatos por onde passou. Observemos:

> Mais tarde, com a ajuda do padrinho Visconde de Ouro Preto...
> Após inúmeras dificuldades, Lima Barreto conseguiu editar em 1909 seu primeiro romance...
> [...] sem despertar a atenção da crítica...
> O neurastênico intérprete do mulato e defensor do subúrbio...
> Lima Barreto foi internado no Hospital Nacional dos Alienados pela segunda vez em 1919. Mais uma vez diagnosticado como alcoólatra... (MUSEU AFRO-BRASIL, 2016).

Sua *performance* é a de um herói biografado em tom epopeico.

> Avesso ao nacionalismo e ao purismo linguístico, Lima Barreto é reconhecido por ter mantido uma escrita de estilo livre e muito mais despojada que o estilo dos empolados parnasianos do seu tempo. Forte denunciador da questão do preconceito racial, tanto por suas crônicas quanto por seus romances, ele demonstrou uma sensibilidade incomparável para com o tema do racismo. A sua crítica social, sua escrita militante, além da sua simpatia pelo anarquismo, fez de Lima

> Barreto um dos principais escritores libertários do País. (MUSEU AFRO-BRASIL, 2016).

Flávio Kothe (1987) conceitua o herói numa perspectiva histórico-materialista, qualificando-o como reflexo da divisão "alto" e "baixo" da nossa sociedade de classes. Ao conceituar o herói moderno, evidencia a mudança em comparação ao herói antigo. "O percurso do herói moderno é a reversão do percurso do herói antigo. Se antigamente se colocava a questão do percurso individual ou grupal entre o alto e o baixo da sociedade, o herói passa a ser, com o processo de industrialização, o próprio questionamento da estruturação social em classe alta e classe baixa" (KOTHE, 1987, p.65). Ao analisar o herói nacional, Kothe (1987) conclui que, quando se quer criar um personagem apenas sublime, elevado, acaba-se criando alguém artisticamente baixo, porque carente de veracidade. "Todo personagem que apenas corporifique qualidades positivas ou negativas é um personagem trivial, pois foge à natureza contraditória das pessoas e não questiona os próprios valores" (KOTHE, 1987, p.58). Nas duas definições há o axioma de valores inseridos no herói e a modalização processual que este ator, já no nível discursivo, carrega para o enunciado.

Empregamos aqui o conceito de herói próximo à definição de Propp (2006), enquanto elemento da narrativa que recebe excesso de carga semântica por sempre ser posto a provas e desafios, superando a maioria dos programas narrativos. Numa terminologia semiótica, os heróis são sujeitos imbuídos em percursos narrativos recheados de provocação, tentação, sedução e intimidação. Após diversos e seguidos programas narrativos, o herói finaliza o percurso sendo sancionado positivamente. Ao passar para o nível discursivo, são recobertos por figuras e temas individuais ou sociais. Em alguns casos, conforme o discurso sobre os heróis nacionais, considerados por Kothe (1987), constroem-se neles atores simbólicos e míticos representativos de um povo. Na análise proposta, o conceito de herói segue enquanto componente narrativo e – sempre que possível – atrelado ao nível discursivo, consequentemente um ator figurativizado em diversos papéis temáticos que evidenciam a divisão "alto" e "baixo", proposta pelo estudioso Flávio Kothe (1987).



Já Theodoro Sampaio tem uma biografia atrelada ao período da escravidão. "Nasceu em 1855, no Engenho Canabrava, município de Santo Amaro da Purificação, filho do padre católico Manoel Fernandes Sampaio e da escrava Domingas da Paixão" (MUSEU AFRO-BRASIL, 2016). No discurso a seu respeito enfatiza-se sua origem histórica e social, conferindo a trajetória narrativa típica a que foram submetidos os negros nas colônias brasileiras. Os temas e as figuras nas linhas da escravidão estão ligados ao sofrimento, às sanções negativas e ao não merecimento da liberdade. Os episódios de sua vida são retomados com

o objetivo de destacar o modo com os sujeitos superaram as limitações de seu tempo: "Trabalhando como professor de Matemática e desenhista do Museu Nacional, conseguiu poupar dinheiro suficiente para comprar a alforria de sua mãe e de três irmãos" (MUSEU AFRO-BRASIL, 2016).

De forma mais evidente, Theodoro Sampaio tem uma biografia modalizada pelo saber, que valoriza mesmo muito jovem o conhecimento como base para seus percursos narrativos de vida. É dado realce especial às escolas frequentadas pelo estudioso e sua tendência às lideranças:

> Na então capital federal, foi matriculado no Colégio São Salvador em regime de internato, onde aos 15 anos de idade tornou-se auxiliar de ensino.
> Ao término da expedição, Theodoro foi convidado a integrar a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, sendo, mais tarde, designado diretor da Comissão de Saneamento e posteriormente consultor técnico da antiga Secretaria do Interior desse estado.
> Após ter sido um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 1894, Theodoro Sampaio foi admitido como sócio do IGHB (Instituto Geográfico e Histórico da Bahia) em 21 de outubro de 1898, passando a fazer parte da sua diretoria como orador oficial e membro da comissão da Revista Estatutos a partir de 11 de maio de 1913.
> Mais tarde, em 1922, o engenheiro viria a ser o presidente desta instituição...
> A língua nativa e os povos indígenas também despertaram a curiosidade desse intelectual negro baiano e sobre o tema ele escreveu O tupi na geografia nacional, sua obra-prima (MUSEU AFRO-BRASIL, 2016).



É líder, fundador, autor de publicações consideradas obras-primas. Seguindo o mesmo norte de organização narrativa da biografia de Lima Barreto, há a disposição dos oponentes sociais solucionados pelos atributos só tidos pelos heróis, em dimensões épicas. Uma projeção ambígua é inerente aos dois atores: por um lado, revela sua humanidade negra, sua complexidade social; por outro, transcende as mesmas condições. É o homem comum, mas possuidor de virtudes como coragem, determinação, sacrifício, paciência. É conduzido por ideais encontrados em apenas em sujeitos nobres e altruístas, definido por conotações eufóricas moralizantes, que se revelam por um enunciador-produtor das biografias e outros enunciadores que viabilizam os efeitos desses discursos.

## Conclusão

Os textos por nós selecionados são objetos em sua materialidade, fazem parte de uma sessão física e virtual do Museu Afro-Brasil, e sempre que referenciados evocam materialmente visibilidade e imaterialmente uma história

e um uso, compreendidos em um contexto. A memória e a notoriedade das identidades negras em espaços legitimados operam rupturas, rompimentos nos campos de representação e discursivização dos modos de ser e estar em sociedade. São construídos tempos paralelos aos campos discursivos da história nacional e outros sujeitos passam ocupar também os mesmos legados dos heróis já admitidos e é aí que são presentificados em *Destaques*.

As duas biografias apresentam os atores no seu campo de atuação. Enquanto Lima Barreto desenvolve seu percurso de epopeia com fortes e grandiosos oponentes no seu percurso narrativo, Theodoro Sampaio recebe uma educação refinada e torna-se sujeito do saber voltado para o povo brasileiro: o geógrafo contribui para a produção científica do país. Em Lima Barreto, o campo lexical "maiores, principal antecedente, o maior número, os principais escritores, uma sensibilidade incomparável, dos principais escritores libertários" sedimentou terreno para a emergência dos escritores modernistas e suas propostas de transformação direcionam o enunciatário discursivo para a isotopia da completude artística da obra barretiana e sua vida epopeica. Em Theodoro Sampaio, o campo lexical que se forma também é de notoriedade: "engenheiro civil, tornou-se auxiliar de ensino, ingressou na Escola Central, um dos fundadores, passando a fazer parte da sua diretoria, escreveu livros".



Os dois enunciados são enfáticos com o feito dos sujeitos biografados. Ao selecionar um campo lexical e criar programas narrativos, o enunciador do discurso configura sua posição ideológica no próprio discurso. "Em síntese, não se interessa pela "verdadeira" posição ideológica do enunciador real, mas pelas visões de mundo dos enunciadores (um ou vários) inscritos no discurso" (FIORIN, 2007, p.51). Desse modo, podemos entender que o enunciador das biografias tem uma posição ideológica contrária aos intolerantes e àqueles discursos sociais sedimentados, buscando modificar o percurso narrativo dos negros nos dias de hoje, com vistas a mostrar a potencialidade e a interferência de destaque que os negros tiveram e têm na sociedade brasileira. São os heróis transformados em pequenos mitos que reforçam uma coesão social e funcional da história, da literatura, da geografia, das artes e dos demais campos do conhecimento. Em síntese, nos empenhamos em revelar e fragmentar o que é tido como ordem tradicional dos espaços e instituições formais do saber e dos comportamentos, buscando efetivar também ações educativas condizentes com a legislação e suas consecutivas diretrizes. Os saberes, os protagonismos, as historicidades são possíveis e praticáveis. E o papel da escola para questões relativas à intolerância e identidades parece-nos de fundamental importância, porque simbolizam o lugar por excelência das conquistas da cidadania e da igualdade.

**Referências:**

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *A identidade intolerante no discurso separatista*. Filologia e Linguística Portuguesa, v. 9, p. 147-167, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2007.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Ed. Contexto, 2013.

KOTHE, Flávio R. *O Herói***.** São Paulo: Ática, 1987.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociossemiótica*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002.

MARQUES, Eugenia Portela Siqueira. Inter/multiculturalidade e formação continuada de educadores: o protagonismo do movimento social negro por uma Pedagogia Decolonial. **Série-Estudos**, v. 1, p. 121-139, 2014.

*MUSEU AFRO-BRASIL*. Acervo História e Memória. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/hist%C3%B3ria>. Acesso em: 04 de abr. de 2016.



*MUSEU AFRO-BRASIL*. Lima Barreto. Disponível em: www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/lima-barreto. Acesso em: 20 de abril de 2016.

*MUSEU AFRO-BRASIL*. Theodoro Sampaio. Disponível em: www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/theodoro-sampaio. Acesso em: 23 de abril de 2016.

PEREIRA, Júnia Sales. *Dialógos sobre o exercício da docência no contexto de recepção das Leis 10.639/03 e 11.645/08*. Educação e Realidade, v. 36, p. 147 - 172, 2011.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

TEIXEIRA, Lúcia. *Museus on-line: novas práticas de visita*. In: Linguagens na Cibercultura (Org.). TEXEIRA, Lúcia; CARMO, José Roberto Jr. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

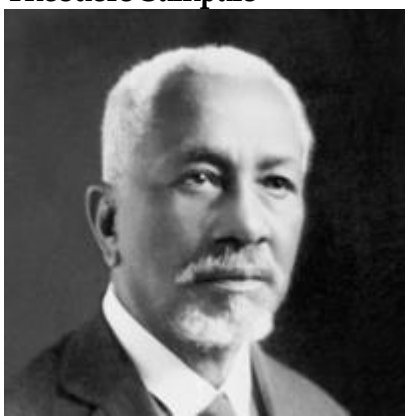
TIBEIRO, Wilson. *Cenas de Candomblé*. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/album/negros_pintores_album.htm#fotoNav=15>. Acesso em: 1 de jun. de 2017.

YOUTUBE. *Série: Conhecendo Museus* – Museu Afro-Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C_utYJ41hMM">. Acesso em: 1 de jun. de 2017.

**Anexos:**

Biografias disponíveis no site do Museu Afro Brasil (www.museuafrobrasil.org.br)

**Theodoro Sampaio**[4]



Nasceu em 1855, no Engenho Canabrava, município de Santo Amaro da Purificação, filho do padre católico Manoel Fernandes Sampaio e da escrava Domingas da Paixão. Formou-se engenheiro em 1877. Trabalhando como professor de Matemática e desenhista do Museu Nacional, conseguiu poupar dinheiro suficiente para comprar a alforria de sua mãe e de três irmãos. Foi casado com Dona Capitulina Moreira Maia e com ela teve oito filhos, seis homens e duas mulheres. Após a sua primeira esposa adoecer mentalmente, Theodoro viveu maritalmente com Glória Maria da Fonseca, senhora da sociedade paulistana, com quem teve mais três filhos. Após o falecimento da primeira esposa, o engenheiro veio a se casar no Rio de Janeiro com Amália Barreto Sampaio, com quem viveu até falecer.



Aos nove anos de idade, Theodoro Sampaio foi levado ao Rio de Janeiro pelo seu pai, padre Manuel Sampaio, capelão do Engenho Canabrava. Na então capital federal, foi matriculado no Colégio São Salvador em regime de internato, onde aos 15 anos de idade tornou-se auxiliar de ensino. Concluído os estudos preparatórios, ingressou na Escola Central, de onde saiu 5 anos depois, formado em engenharia civil. Quando ainda era estudante universitário, atuou como desenhista no Museu Nacional e ali expandiu seu círculo de relações, tendo conhecido o naturalista norte-americano Orville A. Derby, com quem participou,

[4] Imagens e texto de Theodoro Sampaio. Disponível em: <www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/theodoro-sampaio>. Acesso em: 23 de abril de 2016.

em 1879, da expedição científica ao Vale do São Francisco, que se destinava a estudar os portos do Brasil e a navegação interior.

Ao término da expedição, Theodoro foi convidado a integrar a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, sendo, mais tarde, designado diretor da Comissão de Saneamento e posteriormente consultor técnico da antiga Secretaria do Interior desse estado. Durante sua gestão, o engenheiro reformou grande parte da rede de esgotos da cidade, além de aumentar e desenvolver o seu sistema. Durante a sua permanência no litoral paulista, desenvolveu estudos para o porto de Santos, publicando uma monografia na Revista de Engenharia, em 1879.

Após ter sido um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 1894, Theodoro Sampaio foi admitido como sócio do IGHB (Instituto Geográfico e Histórico da Bahia) em 21 de outubro de 1898, passando a fazer parte da sua diretoria como orador oficial e membro da comissão da Revista Estatutos a partir de 11 de maio de 1913. Mais tarde, em 1922, o engenheiro viria a ser o presidente desta instituição. Em função das atividades profissionais que desenvolvia, escreveu livros sobre aspectos geográficos do Brasil, com destaque para O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina, durante os seus estudos para o rio São Francisco. A língua nativa e os povos indígenas também despertaram a curiosidade desse intelectual negro baiano e sobre o tema ele escreveu O tupi na geografia nacional, sua obra-prima. Dentre as muitas publicações de Theodoro Sampaio destacam-se: Tremores de terra na Bahia; Tremores de terra no recôncavo da Bahia de Todos os Santos e O Tupi na geografia nacional.



Theodoro veio a falecer no Rio de Janeiro em 1937, para onde se transferira aos 83 anos de idade, residindo em uma modesta casinha situada no bairro de Laranjeiras. Seu corpo foi sepultado no cemitério São João Batista.

**Lima Barreto**[5]



Lima Barreto foi um dos maiores escritores brasileiros, considerado o principal antecedente do modernismo. É filho do tipógrafo João Henriques de Lima Barreto e da professora Amália Augusta Barreto. Nasceu no Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1881 e quando criança estudou no Colégio D. Pedro II. Mais tarde, com a ajuda do padrinho Visconde de Ouro Preto, estudou também no Liceu Popular Niteroiense, frequentado pela elite carioca do período. Em 1897, com dezesseis anos, entrou para a Escola Politécnica de Engenharia, onde mais tarde abandonaria o curso de Mecânica em favor da dedicação exclusiva a literatura.



Desde que deixou a Escola Politécnica, o meio de subsistência do jovem Lima Barreto foi o jornalismo, associado ao modesto salário de amanuense do Ministério da Guerra. No inicio do século XX, já havia contribuído com quase todos os jornais cariocas, enquanto via seu pai afundar gradativamente na loucura, destino que mais tarde trilharia também. Sendo o filho mais velho da família, Lima viu-se então na obrigação de, além de cuidar do pai demente, arcar com as despesas da casa.

Após inúmeras dificuldades, Lima Barreto conseguiu editar em 1909 seu primeiro romance, Recordação do Escrivão Isaías Caminha, marcado pela critica social, além do estilo livre e despojado que contrastava com os escritores parnasianos. A crítica do período, alinhada a uma visão de literatura próxima do academicismo e do culto à forma, recebeu o romance com maus olhos, desferindo as mais diferentes recriminações. Devido à alusão explícita a pessoas da sociedade carioca, atingindo inclusive alguns dos poderosos da imprensa, o maior e mais influente jornal da época O Jornal do Comércio, decidiu fazer silêncio sobre a obra do escritor, impedindo que seu nome aparecesse em suas páginas. Mais tarde, esta decisão levou outros jornais a fazer o mesmo. Um dos poucos críticos a tecer elogios à obra de Barreto neste momento foi José

[5] Imagens e texto de Lima Barreto. Disponível em: <www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/lima-barreto>. Acesso em: 20 de abril de 2016.

Veríssimo, fato que rendeu inclusive uma visita do autor à casa do crítico, como forma de agradecimento.

Em 1911 foi publicado em folhetins o segundo romance de Lima Barreto, Triste Fim de Policarpo Quaresma, onde o autor prossegue interessado em escrever para o maior número de leitores possíveis, rompendo com a pompa e a linguagem rebuscada. No entanto, sem despertar a atenção da crítica, Barreto teve dificuldades em editar o romance em livro, o que só ocorreu em 1915, quando o próprio autor decidiu custear a publicação, recorrendo a empréstimos.

Depois de 1915, os comentários sobre o livro, ainda que não abundantes, são desferidos em tom mais positivo. Porém, o rompimento com a estética parnasiana e simbolista ainda continuavam mal compreendidos pela crítica.

No ano de 1912, Lima Barreto seguiu publicando seus escritos em formato de romance-folhetim, publicação em jornal que tinha boa aceitação na época e ao qual recorriam os principais escritores. Viver exclusivamente de literatura era impossível, até para os escritores mais famosos. Em 1912 foram lançados em folhetim: O Chamisco ou O Querido das Mulheres, Entra Senhórr! e no final do ano As Aventuras do Doutor Bogóloff.

Em 1914, Lima Barreto encontra-se insatisfeito com o trabalho de amanuense na Secretaria da Guerra, sem editor e decepcionado com as criticas que recebera seus romances. Cada vez mais, passa a recorrer ao álcool para curar as amarguras e decepções da vida. Em meados do ano, o escritor passa a sofrer de alucinações e após os irmãos verem frustradas suas tentativas de ajuda, incluindo uma mudança para a casa de um tio em Guaratiba, Lima Barreto é internado no Hospital Nacional dos Alienados, onde permanece entre agosto e outubro de 1914.



O romance Numa e a Ninfa, escrito imediatamente após Lima ter saído do hospício, foi publicado pelo jornal A Noite entre março e julho de 1915. Em 1917 o escritor volta a relatar, em seu diário, problemas com a bebida. No final de 1918 e começo de 1919, Lima Barreto esteve internado no Hospital Central do Exército para se recuperar de contusões sofridas em decorrência de alucinações alcoólicas. Na mesma época, o escritor se aposenta do trabalho na Secretaria da Guerra, passando a dedicar-se somente a literatura.

Lima Barreto foi internado no Hospital Nacional dos Alienados pela segunda vez em 1919. Mais uma vez diagnosticado como alcoólatra, recolheu suas experiências desta passagem pelo Hospício no raro documento literário sobre as instituições psiquiátricas no Brasil, o livro Cemitério dos Vivos, publicado em 1920. O neurastênico intérprete do mulato e defensor do subúrbio que dizia em seus "Diários Íntimos" que "É difícil não nascer branco" e que "a raça para os brancos é conceito, para os negros pré-conceito" veio a falecer em 1922, aos 41 anos.

Avesso ao nacionalismo e ao purismo linguístico, Lima Barreto é reconhecido por ter mantido uma escrita de estilo livre e muito mais despojada que o estilo dos empolados parnasianos do seu tempo. Forte denunciador da questão do preconceito racial, tanto por suas crônicas quanto por seus romances, ele demonstrou uma sensibilidade incomparável para com o tema do racismo. A sua crítica social, sua escrita militante, além da sua simpatia pelo anarquismo, fez de Lima Barreto um dos principais escritores libertários do País. Para muitos críticos literários, foi Lima Barreto quem sedimentou terreno para a emergência dos escritores modernistas e suas propostas de transformação.

[i] E-mail da autora: cassiabatalha@bol.com.br
[ii] E-mail da autora: doutorandadaniela@gmail.com
[iii] E-mail do autor: renanlsalermo@hotmail.com